

## A JUVENTUDE E O PODER DE DEUS: CONVERSÃO E EXORCISMO NA IURD

**Fernanda Camila Fonseca Silva dos Santos<sup>1</sup>; Roberta Bivar Carneiro Campos<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Ciências Sociais (Bacharelado) – CFCH – UFPE; E-mail: fnsfernanda@gmail.com,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Antropologia e Museologia – CFCH – UFPE. E-mail: robertabivar@gmail.com.

**Sumário:** O presente trabalho tem por objetivo observar e analisar os rituais em que os jovens do Força Jovem Universal participam, sobretudo em relação aos processos de conversão e exorcismo que os jovens se submetem, a formação da liderança destes dentro da igreja, e como tudo isso significa uma mudança consciente e inconsciente em suas vidas e na formação da subjetividade. Foi desenvolvido através de levantamento bibliográfico de produções sobre a própria Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), quanto sobre o pentecostalismo; visitas semanais, e pesquisa etnográfica de caráter observante não participante e se deu no templo do Força Jovem Universal Localizado na Avenida Mário Melo, 356 – Recife/PE; e a manutenção de um diário de campo. O grupo Força Jovem é um ministério da Igreja Universal do Reino de Deus que está espalhado em todo o Brasil, e no estado de Pernambuco conta com duas sedes. Atualmente aqui no estado o grupo é liderado pelo pastor Kleber de Souza, e subdividido em nove tribos, apesar deste número mudar constantemente devido a alterações dentro da lógica hierárquica do FJU. O grupo conta com obreiros, líderes, cabeças de tribo e coordenadores de projetos. Seus integrantes e líderes organizam e participam de ações de caráter sociais, educacionais, culturais, e de combate às drogas. As ações, segundo relatam os jovens, são de bastante êxito e têm por objetivos, tentar se aproximar de jovens que estão perdidos em vícios, na criminalidade, ou cabisbaixos, para assim tentar guia-los espiritualmente e leva-los à salvação. A salvação, para a juventude da Igreja Universal, se dá através da conversão, onde esta é responsável por um novo modo de vivência no mundo tanto consciente quanto inconscientemente, e na construção da subjetividade do fiel. Além do processo de conversão também foi estudado e observado os rituais de possessão e exorcismo bastantes presentes nas reuniões do Força Jovem.

**Palavras-chave:** conversão; força jovem; igreja universal do reino de Deus;

### INTRODUÇÃO

Não é só no âmbito social, ou “no mundo da vida” (Schutz, 1979), mas também no espaço político que os evangélicos estão presentes e são maioria; com 78 representantes no Congresso nacional, além de terem conseguido a presidência com o deputado Eduardo Cunha, fiel da Assembleia de Deus. A bancada evangélica vem sendo protagonista de inúmeras polêmicas no Congresso Brasileiro, considerado como o mais conservador desde o ano de 1964, provavelmente consequência do aumento de evangélicos (tanto quanto militares, ruralistas etc). Direitos das mulheres, da comunidade LGBT, da população negra e pobre brasileira têm sofrido retrocessos jamais vistos; e líderes religiosos pentecostais utilizam da sua habilidade oratória e caráter “carismático” para atrair massas e defender atrocidades contra minorias políticas e religiosas. O maior exemplo disso é o famoso pastor Silas Malafaia, fundador da Associação Vitória em Cristo que possui ligação com a Assembleia de Deus, e através de seus programas ele lança mensagens de ódio contra grupos já citados e incita seus fieis a

boicotarem qualquer instituição ou empresa que vá de encontro a suas crenças (e obtém sucesso).

O número de evangélicos no Brasil só cresce e isso é fato: “o total de evangélicos no Brasil subiu de 26,2 milhões para 42,3 milhões em 2010. A proporção dos evangélicos em relação à população do país avançou de 15,5 por cento para 22,2 por cento. (...) Pelos critérios da pesquisa, os evangélicos reúnem religiosos de missão, pentecostal e outras correntes não determinadas”<sup>1</sup> Fato, inclusive, bastante visível. Não é difícil andarmos na capital pernambucana e nos depararmos com estes fieis: mulheres, vestidas com saias ou vestidos longos, e com cabelos longos também; homens, de paletó e uma bíblia embaixo do braço, mesmo com as altas temperaturas da cidade. Esses “tipos”, claro, são estereotipados e não o sei sequer se fazem parte da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que foi a que frequentei, e muito menos fazem parte do meu objeto de estudo, que é o Força Jovem Universal (FJU). Porém, só deixa claro que este grupo só cresce de uma forma absurdamente rápida.

Falando agora desses líderes carismáticos que claramente possuem bastante influência sobre a população cristão-evangélica do Brasil, temos o também polêmico, Edir Macedo. E esse se aproxima mais do meu objeto de estudo por ser o líder da Igreja Universal do Reino de Deus. O bispo Edir Macedo além de ser o líder espiritual da IURD, autor de diversos livros, também é empresário e proprietário da rede Record, a segunda maior emissora de televisão do país. Em seus livros o bispo prega a prosperidade material através da fé e da obediência a Deus, e assim como o já citado Silas Malafaia, deturpa a cultura e religiosidade afrodescendente, indígena, espírita, dentre inúmeras outras, como em seu livro “Orixás, Caboclos e Guias; deuses ou demônios?” (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p.50).

Então, com toda essa influência na formação da consciência coletiva (em termos durkheimianos), é importante considerar de que forma um jovem sem muita perspectiva de vida não poderia se deixar influenciar; e, analisando por outro viés da construção dessa consciência coletiva, como, com todo o aparato midiático anti-evangélico, um jovem se mantém membro da Igreja Universal do Reino de Deus. Com isso, adentro em meu objeto de estudo específico que foi o Força Jovem Universal, e, assim como a teoria da prática o fez na Antropologia, dando um “enfoque sobre quem realiza as ações: agente, ator, pessoa, self, indivíduo, sujeito.” (Ortner, 2011, p. 440).

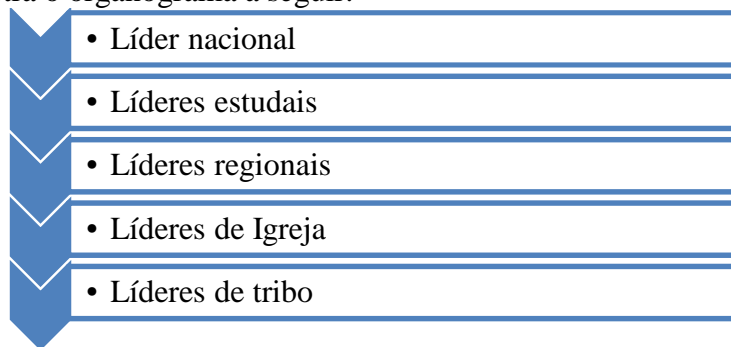
O FJU é um grupo de jovens da Igreja Universal do Reino de Deus que tem por objetivo trazer os jovens para as vivências e práticas da igreja, guiá-los espiritualmente, para que assim, suas práticas e vivências no mundo, antes “erradas”, venham a mudar. Por ser um ministério da Igreja Universal, o grupo Força Jovem, claro, seguiria a lógica e práticas da igreja matriz. E, assim como no pentecostalismo (e o neopentecostalismo), a IURD, e o FJU não poderiam ignorar a relação de proximidade com Deus e, sobretudo a relação com o diabo que foi criada com essa corrente; conforme (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p.48) “o pentecostalismo rompe ao conceber o demônio como um ser a-histórico com força somente superável por Deus. Rompe também com a visão do demônio no catolicismo popular brasileiro onde, esta figura, embora presente e personificada, não tem tanta centralidade como no discurso pentecostal”. Com isso, assim como Deus, o diabo também está presente no mundo e pode “apropriar-se” do corpo do crente – e nesse caso, a palavra é usada no seu sentido literal – e, por isso, é necessária a conversão, não apenas para o indivíduo livrar-se dos males da sua vida, mas também porque “A conversão ao pentecostalismo, então, significa não apenas uma nova forma de conhecer e se relacionar com Deus, mas também uma redefinição do diabo e de sua relação com o mundo.” (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p.49).

O grupo, assim como a própria Igreja Universal, possui uma formação hierárquica: há um líder nacional, líderes estaduais, regionais, líderes de igreja, líderes de bloco e líderes de

---

<sup>1</sup> <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge.html> (acesso em 02/08/2015)

tribo; nessa estrutura de hierarquia, respectivamente; à parte dessa linhagem de líderes, há também os obreiros que estão acima dos líderes de bloco e são responsáveis por estes. Assim como mostra o organograma a seguir:



Toda essa organização se dá para que um só líder não se sobrecarregue com muitos jovens e para que também tenha um acompanhamento espiritual. As relações entre os jovens, também podem ser analisadas por uma lente sociológica se aplicarmos Weber e Simmel a elas. Os autores veem as ações dos indivíduos como possuidoras de sentido, ou seja, “como ações humanas que se expressam em projetos. Projetos estes, por sua vez, que orientam, ordenam ou encaminham ações.” (Koury, 2009 p.31). No caso do Força Jovem os “projetos” poderiam ser projetos de se alcançar a liderança naquele lugar; assim como aproximar-se cada vez mais de Deus e libertar-se de pecados mundanos. Tanto o jovem já “limpo” espiritualmente, quanto o que está passando pelo processo de conversão e/ou exorcismo, buscam isso. O jovem que está passando pelo processo de exorcismo, não busca tanto a liderança, uma vez que, estão focados em “expulsar o demônio de suas vidas”, o que não deixa de ser também um projeto pessoal e que necessita dos demais, e que, posteriormente vai contar como uma experiência comprobatória da sua fé.

Já os jovens que já estão situados e frequentam a igreja há mais tempo (geralmente líderes), tendem a demonstrar interesse em “seguir carreira” (pastorado) dentro dela. Tanto mulheres (apesar da impossibilidade de atingirem o cargo máximo que é o de pastor) quanto homens têm o desejo de continuar a desenvolver suas funções e atividades de liderança na própria igreja matriz da Universal, futuramente. Dessa forma FJU seria uma forma da IURD recrutar jovens para um futuro pastorado, oferecendo oportunidade de praticarem liderança e cultivarem carisma pessoal e institucional.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A coleta dos dados se deu através de levantamento bibliográfico indicado pela orientadora; visitas semanais aos sábados no templo da Igreja Universal do Reino de Deus em que se reúne o grupo Força Jovem Universal localizado na Avenida Mário Melo, 356 – Recife/PE a fim de efetuar uma pesquisa etnográfica baseada nos pressupostos de observação participante; idas ocasionais a evangelizações organizadas pelo FJU; e através de anotações feitas em um diário de campo.

Os sujeitos estudados foram os próprios integrantes do FJU, obreiros, líderes de bloco, cabeças de tribo, coordenadores, e fieis mais assíduos (uma vez que o contingente não é fixo), que estiveram sempre disponíveis para conversarem comigo e me concederem entrevistas, além de me apresentar a demais fieis do grupo, para responderem minhas perguntas.

## RESULTADOS

Com as constantes visitas ao templo em que se reúne o Força Jovem, foi possível perceber que seu contingente não é nem um pouco fixo – em algumas reuniões o templo chega a lotar e cadeiras faltam, em outras, nem metade delas são preenchidas –, mas as

peessoas que as frequentam apresentam, sim, um padrão. São em sua imensa maioria jovens de periferia, as meninas, muitas delas já são mães e levam seus filhos. Pelo fato de as evangelizações realizadas aos domingos e às quais pude presenciar acontecerem em comunidades e favelas no perímetro da Igreja, trazendo assim, estas “almas” (como são chamados os jovens que são recrutados nas evangelizações) para o grupo. Nas evangelizações, os obreiros, líderes de bloco e de tribo, vão a determinadas regiões a fim de trazerem jovens para o FJU, independente de sua situação. Utilizam argumentos como competições e jogos que existem entre as tribos etc. (geralmente são jogos mistos, uma vez que as tribos são compostas por integrantes de ambos os sexos). Inclusive, comprometem-se de ir buscá-los antes das reuniões, e de dar o dinheiro da passagem caso as novas “almas” não tenham. Ou seja, pode-se ver aí que a Igreja Universal do Reino de Deus “investe” e se compromete com seus fieis em potencial para assim, poderem ajuda-los espiritualmente através do grupo. Alguns realmente chegam a ir à reunião. Outros sequer vão. Outros vão a uma, e nunca mais voltam. Porém, apesar do fluxo irregular de fieis na igreja, alguns continuam indo às reuniões e as frequentando seriamente até que chegam a tornar-se líderes dentro do FJU.

Assim se realizam as reuniões do Força Jovem Universal. Tratando das reuniões em si agora, através das visitas de campo, e das participações nas reuniões do grupo, pude notar certa uniformidade em relação aos cultos. O pastor Kleber (pastor durante o tempo da pesquisa de setembro/2014 a agosto/2015) sempre trazia o assunto “jovem vencedor” ou “jovem visionário” às suas pregações. Jovem vencedor basicamente é um termo utilizado pelos integrantes do Força Jovem para denominar os jovens que se converteram e agora servem a Deus, são autônomos porque escolhem o que querem ser, e têm projetos para “melhorar de vida”. O que significa essa simples denominação, é a questão da autonomia que o ator social, no caso o jovem, tem. Dessa forma, o jovem que tem de buscar sua salvação e a sua “melhoria de vida”, e esse tipo de incentivo é bastante presente nas falas do pastor e dos próprios jovens. Através de entrevistas com pessoas que estavam há mais tempo na igreja e ocupavam um patamar elevado na hierarquia da Igreja, pude observar que em todos os discursos eles acreditam que com a conversão eles mudam tanto consciente quanto inconscientemente, e conseguem mudar os espaços em que participam.

Em todos os relatos, jovens falavam que antes suas vidas eram baseadas em vícios, depressão e promiscuidade, assim como suas famílias também eram desestabilizadas; e após a vivência na igreja, e com a conversão, conseguiram mudar (tornaram-se um “jovem vencedor”), assim como conseguiram melhorar a vida de suas famílias também. Um dos relatos mais interessantes que recebi em relação a esse assunto foi o de uma informante chamada Rosana que está na Igreja Universal e no Força Jovem há 23 anos, e hoje é obreira e líder de bloco, e uma das mais requisitadas tanto pelo pastor quanto pelos jovens (recém chegados e demais integrantes). Aproximei-me de Rosana durante um domingo de evangelização e ela pode me contar que antes de entrar para a Igreja ela era uma jovem depressiva, que bebia muito, tinha uma vida de promiscuidade (“ficava com um e com outro”, como me disse), tinha complexo de inferioridade, brigava muito com os pais e já chegou a roubá-los, tentou suicídio por duas vezes, e já presenciou um assassinato; inclusive seu pai já tentou matar sua mãe e chegou a apontar uma arma para sua cabeça. Neste dia em que seu pai ameaçou sua mãe com uma arma, Rosana me disse que se ela sobrevivesse, ela procuraria uma Igreja, e assim o fez. Desde aquele dia Rosana está na Universal, assim como sua família, e, segundo ela, tanto sua vida quanto de sua família melhoraram bastante e seus pais continuam juntos. Outro informante, que também é obreiro, está na Igreja há seis anos e se converteu aos 13, me disse que antes de entrar para o Força Jovem “não queria nada com a vida”. Além de Rosana, outras informantes do sexo feminino também apresentaram relatos semelhantes em relação a violência doméstica que

ocorria em suas casas antes de ingressarem no FJU; já em relação aos homens, os relatos são focados mais no próprio sujeito, e não em “exteriores” como a família, por exemplo.

Além da constante pregação e incentivo para tornar o jovem, um jovem melhor e que “vença/suba na vida”, o pastor também, em certos momentos do culto (geralmente momentos em que ocorrem possessões), cita entidades da cultura e religião africana como sendo maléficas. Por diversas vezes é possível escutá-lo dizendo “Saia daí Exu! Saia daí Pomba-Gira!”. E, por serem as responsáveis por tais possessões, são estas entidades que não deixam o jovem mudar e melhorar de vida, causam desânimo, angústia, preguiça etc., ou seja, tais sentimentos, na lógica iurdiana são trazidos pelo “diabo”, isso pode ser bastante observado nos relatos dos integrantes do grupo que culpam o demônio pelas inúmeras mazelas da vida social, tais como: alcoolismo, problema com drogas, depressão, doenças de todos os tipos, preguiça etc.

Apesar de não ter sido o foco inicial do projeto, com as visitas e observações de campo, foi possível notar uma questão relevante, que é a divisão de gênero dentro da própria Igreja Universal. Com esse projeto da IURD ficou claramente visível a divisão de gênero dentro da Igreja. Por ser um tema que me interessa, questionei aos homens por que mulheres não poderiam participar do projeto. Um deles, citando a Bíblia, disse que “a mulher já tem que cuidar da casa e do marido, não conseguiria cuidar da Igreja”. E, quando questionei às mulheres por que elas não poderiam participar do projeto, elas me falaram que a Igreja possui um projeto equivalente para mulheres, chamado godllywood. Godllywood consiste basicamente em um projeto exclusivo a mulheres, que as ensina a se vestir, a se comportar etc. para servirem a Deus.

Com isso, os sujeitos do Força Jovem alteram sua subjetividade e, conseqüentemente sua visão de mundo, reduzindo este a forças do bem e do mal

## DISCUSSÃO

As características do público que frequenta as reuniões do grupo força jovem (geralmente jovens de classe baixa) pode se dar devido à “impressionante capacidade que estas igrejas possuem de adaptar-se em cenários socioeconômicos caracterizados por vulnerabilidades sociais, violência, pobreza e criminalidade” (Campos e Gusmão, 2013).

O que é bastante presente nas falas dos integrantes do grupo é a questão da autonomia e livre arbítrio do indivíduo, o sujeito, para os fieis e membros da Igreja, assim como o sujeito em Giddens (2003), dispõe de reflexividade, intencionalidade e racionalidade que guiam suas ações. Aqui observa-se mais uma vez, a lógica giddesiana de que ações do micro podem mudar o macro.

Em relação às possessões, especificamente, estas, que estão presentes em praticamente todos os cultos e reuniões do Força Jovem se dão porque “o demônio é uma figura muito presente no cotidiano do fiel pentecostal, que vê nele a razão para todos os males” (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p. 45). O protagonismo ocupado pelo demônio na consciência dos jovens do Força Jovem é bastante presente. Ele torna-se a explicação para fenômenos que não são capazes de serem explicados através de argumentos racionais, explicação para infelicidade e sofrimento. Isso porque “o demônio é o único ser sobrenatural, além de Jesus, o Espírito Santo e Deus Pai, que age sobre as vidas das pessoas, segundo os pentecostais” (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p. 47). Este tipo de pensamento está presente nos livros e pregações de Edir Macedo e é chamado de “Teologia da Guerra Espiritual” e “identificam como demoníacas, as religiões não-cristãs e acreditam existir ‘demônios territoriais’ relacionados com cada povo não-cristão” (Bezerra, 1990 apud Mariz, 1997 p. 51) o que explica as constantes pregações demonizando entidades da cultura e religião de matriz africana.

A questão de gênero também é bastante visível e presente nas reuniões e na lógica da Igreja Universal do Reino de Deus. Homens e mulheres dividem-se em projetos e, nesses projetos que segregam os gêneros fica claro a velha dicotomia da antropologia natureza/cultura, em que a primeira está reservada ao sexo feminino, e a segunda ao masculino. Enquanto homens preparam-se para a batalha (mesmo que de forma metafórica), mulheres aprendem a se vestir e se comportar para tornarem-se mães e esposas de pastores exemplares, isso porque, é através deste projeto que mulheres também podem alcançar posições de liderança, uma vez que não lhes é possível alcançar o posto de pastora.

## CONCLUSÕES

Desse modo, não se deve deixar de considerar a importância de toda a análise realizada durante a pesquisa de campo, juntamente à apropriação teórica no que se refere às categorias relacionadas, assim como todo o processo necessário para a construção do conhecimento científico, uma vez que:

“a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em “ir a campo”, ou “ceder a palavra aos nativos” ou ter um “espírito etnográfico”. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e inter-subjetiva.” (URIARTE, 2012)

Assim, através de todo o processo necessário na construção do conhecimento científico, foi possível observar que a lógica da Igreja Universal está para a fiel, assim como a lógica católica na Idade Média que explicava a dimensão moral, cognitiva e estética Weber, (1999). Tal lógica, ainda, assim como explicitado por Weber e aprimorado por Geertz (1989), guia e orienta o ator social nas suas práticas e vivências no mundo; com isso, moldam sua visão de mundo e sua subjetividade.

No que diz respeito à realidade dos indivíduos analisados, foi possível perceber que houve uma mudança positiva, uma vez que os fiéis relatam (em unanimidade) que suas vidas e o mundo social a qual estão inseridos se beneficiaram a partir do momento em que começaram a seguir a palavra de Deus, o que os leva a uma tomada de consciência de sua autonomia e do seu papel como agente no mundo da vida. Como um próprio informante me disse em uma das entrevistas: “Deus deu pra gente um negócio chamado livre arbítrio, se eu partir desse princípio, eu posso considerar que Deus não vai me obrigar a aceitar ele ou fazer o que ele quer. Isso tem que partir de mim. Ele é tão bom, que ele não me obriga a aceitar o que ele quer, mesmo que o que ele tá querendo seja o bom pra mim. É uma decisão minha fazer isso ou não; eu decido o que fazer da minha vida”. Ou seja, para os integrantes do grupo Força Jovem, assim como para Giddens (2003), os sujeitos não são agentes passivos diante das estruturas (no caso, a IURD), e desenvolvem sua subjetividade através da Igreja em uma relação de interdependência. Apesar de a autonomia não ser plena, devido à necessidade do fiel de estar em contato e ter uma relação de proximidade com a IURD, os jovens tomam consciência de sua situação mesmo que de forma canalizada pela Igreja e por seu pastor.

Apesar de tais melhorias vivenciadas pelos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, é importante uma análise crítica no que diz respeito à polêmica relação com as chamadas minorias, e inclusive a relação com as religiões de matriz afrodescendentes, uma vez que tais preconceitos arraigados no seio das religiões cristãs se baseiam em condicionantes históricos, e fazem os fiéis os reproduzirem. Há ainda também uma questão de gênero que é muito presente na lógica iurdiana, onde por um lado a mulher ganha

autonomia na constituição de sua identidade, realizando-a através da IURD e não mais apenas no âmbito doméstico e familiar; por outro, a mulher é subalternizada, agora espiritualmente, já que são os homens superiores nesse quesito e responsáveis pela liderança espiritual mais elevada. Dessa forma, apesar de considerar os fatores positivos da inserção dos indivíduos na lógica e vivência da Igreja, não se deve deixar de considerar a fatores negativos decorrente de tal inserção, não para o fiel em si como sujeito e agente autônomo de mudança, mas para a sociedade como um todo.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFPE, CNPq, e instituições apoiadoras por proporcionar a iniciação científica; à professora Roberta Campos pela orientação, apoio e conhecimentos construídos ao longo da pesquisa.

### REFERÊNCIAS

Uriarte, U. M. 2012. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. Ponto Urbe [Online], 11 | 2012, posto online no dia 14 Março 2014, consultado o 13 Agosto 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/300> ; DOI : 10.4000/pontourbe.300

Campos, R. B. C. e Gusmão E. H. 2013. **Reflexões metodológicas em torno da conversão na IURD: Colocando em perspectiva alguns consensos**. Revista Estudos de Sociologia v. 18, n. 34.

Geertz, C. 1989. **A interpretação das culturas**. LTC. Rio de Janeiro.

Giddens, A. 2003. **A Constituição da Sociedade. "Elementos da teoria da estruturação"**. Martins Fontes. São Paulo.

Koury, M. G. P. 2009. **Emoções, Sociedade e Cultura: A categoria de análise Emoções como objeto de investigação na sociologia**. Editora CRV. Curitiba.

Mariz, C. L. 1997. **O mal à brasileira**. Patrícia Birman, Regina Novaes, Samira Crespo. EdUERJ. Rio de Janeiro.

Ortner, S. B. 2011 **Teoria na antropologia desde os anos 60**. Mana. Rio de Janeiro. v. 17, n. 2, p. 419-466.

Schütz, A. 1979. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

Weber, M. 1999. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Pioneira. São Paulo.